



ANO IV — Nov./Dez. de 1976 — N.º 82 Director e Prop.: P.º M. Baptista de Sousa - Telef. 89291 COMPOSTO E IMPRESSO NA
BIMESTRAL (1.º Domingo) — AVENÇA Administração: Residência Paroquial - Esposende TIP. CAMOES - Póvoa do Varzim

Preparando o Natal

Começa no próximo Domingo o tempo do Advento, o tempo em que se prepara a comemoração da vinda do Senhor.

E porque o anúncio da salvação já se cumpriu e o Salvador já veio, o que importa agora é que todos meditemos na tremenda responsabilidade que para nós envolve a vinda do Messias, o sacrifício cruento do resgate, o Cristo vivo da hóstia consagrada.

A misericórdia infinita que tudo isto representa, como temos respondido e como vamos tentar responder no futuro?

Num mundo desvairado que em nome da Justiça criou e mantém tantas injustiças, que em nome da Liberdade imaginou tantas novas formas de opressão, que em nome da Igualdade enovalhou e tentou destruir tantas pessoas honradas, num mundo louco que parece regido pela ambição e pelo ódio, desencadeou-se uma espécie de desintegração em cadeia da alma humana, pois todas estas violências acabam por alimentar, pelo menos, o desamor entre os homens. Parece mesmo que já não é possível, até para os cristãos conscientes, ficar imunizado contra este sentimento tão contrário à pregação do Mestre. E no meio da árida desolação que nos cerca, nos aflige e nos desafia, muitos ousam perguntar ao Pai: Porquê, Senhor?

E, ao perguntar, esquecemos os nossos pecados; e, ao perguntar, esquecemos que temos que tentar compreender em vez de querermos ser compreendidos; e, ao perguntar, não atentamos em tantas coisas que nos foi permitido conseguir sem não o merecermos; e, ao perguntar, não pensamos que em vez de interrogar o Senhor devemos antes procurar ouvi-Lo.

Se O ouvíssemos, escutaríamos a Sua Voz através das Escrituras: «Os Meus caminhos não são os vossos e os Meus meios não são os vossos meios». Assim, com o escudo da Fé, guardaríamos a Esperança e teríamos forças para fugir à revolta e não abandonar (ou reencontrar) a Caridade. E só assim ficaríamos apaziguados.

Procuremos, pois, nestes tempos difíceis se-

guir o pensamento-prece de Pascal: «Senhor, cujo espírito é tão bom e tão doce em todas as coisas, e que sois por tal forma misericordioso que não somente as prosperidades mas também as próprias infelicidades são efeito da vossa misericórdia, dai-me a graça de não agir como pagão no estado a que a vossa justiça me reduziu».

Só assim não será farisaica a nossa oração em face do Sacrário: «Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo»; só assim estaremos realmente a preparar o advento de um mundo novo, cuja renovação terá que começar no íntimo de cada um de nós; só assim prepararemos dignamente a comemoração da vinda do Senhor Jesus.

No início do Advento, reforçemos a nossa firme decisão de que os nossos pensamentos, palavras e obras sejam, sempre e apenas, a mensagem que acalma, sacia e dessedenta, à maneira como S. Paulo pregava aos Romanos: «... bendizeis e não amaldiçoeis, alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram, promovei o bom entendimento».

E estejamos certos que, se assim fizermos, iremos ao encontro do Consolador pelo único caminho da justiça, que é o caminho do Amor e da Verdade.

José Garrett

Tríduo do S. C. de Jesus

Decorreu de 14 a 21 de Novembro, nesta vila, uma semana de pregação em honra do Sagrado Coração de Jesus, tendo sido orador o Rvmo. Pe. Abel Gomes da Costa.

Boas Festas

Desejamos a todos os paroquianos, amigos, benfeitores, emigrantes e leitores deste boletim, Boas-Festas de Natal e um Ano Novo vivido na Paz, na Justiça e no Amor.

Pe. Manuel Baptista de Sousa

Movimento Religioso

BAPTISMOS

OUTUBRO — NOVEMBRO

3 de Outubro — João Manuel Nunes da Silva Ferreira, filho de Lucindo Alberto dos Santos Ferreira e de Maria José de Sousa Nunes da Silva, residentes na Rua Manuel Viana, 8.

31 — Sónia Teresa de Pina Carvalho Silva, filha de António Cândido Carvalho Silva e de Laurinda de Pina.

14 de Novembro — Samarina do Vale Vasconcelos Valentim, filha de Alvaro Vasconcelos Valentim e de Maria Arminda Maciel do Vale, residentes na Rua Barão de Esposende.

21 — Nuno Manuel Barros Marques, filho de Sebastião Vareiro Marques e de Ana de Barros Paquete, residentes na Rua General Roçadas, 5.

28 — Raquel Suzana de Azevedo Loureiro Eiras, filha de David Luís Loureiro Eiras e de Maria Deolinda de Azevedo Loureiro.

CASAMENTOS

17 de Outubro — Manuel Lamego Moreira, natural de Sé — Braga, filho de Manuel Moreira e de Maria Ernestina da Luz Lamego, com Fernanda Ilídia Gonçalves Coimbra, filha de António Avelino Coimbra e de Aurora Gonçalves da Costa.

20 de Novembro — Celestino Cubelo Moraes, de Fão, filho de Celestino Oliveira Moraes e de Elvira de Faria Cubelo, com Maria Ernestina da Silva Costa, filha de Manuel Pereira da Costa e de Noémia Martins da Silva.

As maiores felicidades para todos.

ÓBITOS

4 de Outubro — Maria Augusta Gonçalves Ferreira, de 56 anos, solteira, doméstica, natural desta vila, onde era residente na Rua Narciso Ferreira, 24.

8 — Alda Garcia de Freitas, de 71 anos, casada com João José Garcia de Freitas, natural de Lisboa e residente em Viana do Castelo.

28 — Luís Loureiro Guerra, de 56 anos, solteiro, natural de Esposende, onde era residente no largo Tomaz de Miranda, 7.

11 de Novembro — José de Barros, de 64 anos, casado com Rosa de Sousa, marítimo, natural desta vila, onde era residente na Rua Conde de Castro, 10.

21 — Ema Luciana Belrão Faria Lamela, de 38 anos, solteira, professora primária, residente nesta vila.

21 — Leocádia Amândio, de 75 anos, natural desta vila onde era residente na Avenida Eng. Arantes e Oliveira.

A todos apresentamos sentidos pêsamos.

Os nossos benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

15\$00 — Maria de Fátima Pais.

10\$00 — Helena Cardoso, Maria da Soledade V. Loureiro, António P. Ferreira e Assunção Alves de Sá.

7\$50 — Cecília Garcia, Diamantina S. Pinto e Celestina Zão.

5\$00 — D. Deolinda Viana, Abílio Teixeira, José Laranjeira, João Barbosa Guerra, Maria Celeste G. Rites, Maria da Conceição André Eiras, José Costa, Manuel Marques, Rosalina Guerra, Orlando M. Araújo, António O. Eiras, Júlio Amorim, Ildo S. Torres, Quintino M. Alves, Manuel dos Passos Eiras Praia, Maria Angélica, Armindo Gomes e Manuel Miranda.

Sem tempo determinado ofereceram:

100\$00 — João de Freitas (Viana).

75\$00 — João V. Terra Loureiro (Brasil) e D. Maria Arminda V. Loureiro (Brasil).

20\$00 — Maria José Sousa.

Restauro da Capela de S. João

Continuamos a pagar muito lentamente as obras realizadas na Capela de S. João.

Nesta data, são estas as contas:

Soma em 1-10-1976	244 284\$10
Peditório pelas casas	5 282\$50
Ofertas particulares	5 720\$00
Nas missas dominicais	4 000\$00
Soma em 1-11-1976	259 246\$80
Peditório pelas casas	4 280\$00
Ofertas particulares	800\$00
Nas missas dominicais	3 600\$00
	287 906\$80

Falta-nos pagar cento e poucos contos, pelo que muito agradecemos todas as ofertas.

Monsenhor Luiz Augusto Viana

Era natural de Esposende e concluiu o curso teológico no Seminário de Braga, em 1862. Missionou muito em companhia do Pe. João Rebelo, mais tarde arcebispo de Larissa, e do P. Carlos Rademaker.

Foi nomeado director espiritual do Seminário do Porto em 1876 e faleceu em 21 de Novembro de 1907. Durante este período prestou relevantes serviços ao Seminário.

Publicou 3 volumes de conferências feitas na Sé do Porto, vários sermões e muitos artigos e deixou muitos manuscritos, que ficaram em poder de um sobrinho afim, o Dr. António de Sousa Ribeiro.

NOTA — Esta resenha biográfica acaba de me ser fornecida pelo actual Reitor do Seminário do Porto.

Perante isto, interroguei-me: que fez Esposende para perpetuar a memória de tão ilustre filho?

Planeamento Familiar

(Continuado da pág. 4)

recidos sobre os seus deveres deontológicos e sobre os seus direitos de consciência. Compreendemos a situação difícil em que podem ser colocados quando lhes são exigidos actos contrários à lei moral. Mas a objecção de consciência é um direito que não pode ser negado a nenhum ser humano, e muito menos numa sociedade que proclama a liberdade como um valor fundamental.

Trancrisção do último Comunicado do Episcopado Português

Esclarecimento

Recebemos, com pedido de publicação, o seguinte esclarecimento:

«Tal como tem acontecido com todas as manifestações religiosas da Vila, o Grupo Coral foi convidado a dar a sua quota parte no engrandecimento da festa da Missa Nova do Rvmo. Pe. António.

Chelos de boa vontade, não olhando a sacrifícios, lá fomos ensaiando como podíamos e sabíamos para que, dentro das grandes limitações a que estamos condicionados, apresentássemos um trabalho digno da hora e local.

Ninguém, desde sempre, no Grupo Coral, perguntou, ou pergunta, se recebemos ou vamos receber alguma coisa em compensação do esforço dispendido. Todos têm a consciência que, apesar do muito trabalho e do grande esforço que se dispende, pouco vale o trabalho realizado, em termos de valor artístico. Ficamos contentes, é a melhor paga, quando nos dizem que: «Já vai melhorzinho» ou que «não saiu muito mal».

Posto isto, perguntamos como é possível aparecer no Boletim Paroquial e na local referida a importância de 5.100\$00, para pagamento de serviços prestados pelo Grupo Coral? ! ...

Será que essa importância se refere à despesa com o almoço da Missa Nova para que o Coro, muito gentilmente, foi convidado na ante-véspera? Sendo assim, estamos esclarecidos.

Aguardando de V. Exa. a melhor atenção, subcrevemo-nos

Grupo Coral de Esposende
José Novo dos Santos

Na verdade, os 5.100\$00 referem-se às despesas com o almoço oferecido ao Grupo Coral.

Trata-se de um persistente e brioso punhado de amadores, chelos de fé, de bairrismo e de boa vontade que tem sacrificado muito tempo, dinheiro e noites infandas de descanso, etc., para solenizar condecoradamente as cerimónias religiosas desta vila. Os seus méritos são inegáveis. Distintas são as referências que se lhe fazem.

Nunca tiveram interesses materiais.

Porém, a Comissão da Missa Nova achou ser de verdadeira justiça convidar o Grupo Coral para o almoço, como leve agradecimento dos óptimos ser-

Noticiário

— No dia 27 de Junho p.p. teve lugar, nesta vila, mais uma promessa de novos escuteiros do C. N. E.

— No dia 1 de Agosto, na Igreja de São Domingos de Monserrate, Viana do Castelo, a jovem esposendense professora Maria Madalena Barreira de Matos Mimoso, filha de António R. de Matos Mimoso e de Maria Josefina Barreira, realizou o seu casamento com António Mimoso Rodrigues Lopes, filho de António R. Lopes e de Glória da Conceição Pereira Mimoso.

— No dia 8 de Agosto, na capela de S. Lourenço, freguesia de Vila Chã — Esposende, a jovem esposendense Maria Margarida Losa de Areia, filha de Francisco Lopes Rodrigues de Areia e de Maria Ermelinda Losa de Faria, realizou o seu casamento com o Dr. José Ribeiro Afonso, natural de Marinhas, filho de Manuel Afonso e de Teresa de Vilas Boas Ribeiro.

— No mesmo Dia 8 de Agosto, na freguesia de Bellinho, Esposende, celebrou a sua Missa Nova o jovem sacerdote Manuel da Costa Amorim.

— No dia 15 de Agosto fez a sua 1.ª comunhão o menino Manuel António Pereira Coutinho.

— No dia 4 de Setembro, na supracitada Capela de S. Lourenço, Vila Chã, o jovem esposendense Carlos Miguel Losa de Carvalho Magalhães, filho de Ernestino Ramos de Magalhães e de Omerina Gonçalves Losa de Carvalho, realizou o seu casamento com Anne Marie Convert, de nacionalidade francesa, filha de Lucien Henri François Convert e de Marie Renée Lalanne.

— No dia 19 de Setembro fez a sua 1.ª comunhão a menina Ana Cristina Fernandes Portela.

— Em 5 de Outubro realizou-se, nesta vila, a reunião de Curso dos Alunos que entraram para o Seminário Arquidiocesano em 1943.

Houve Missa na Igreja Matriz e confraternização no Hotel Nélla.

— O Pe. António Marques Henriques encontra-se a trabalhar numa paróquia de Coimbra até Janeiro próximo, data em que seguirá para Dublin — Irlanda, para concluir os seus estudos teológicos.

Por sua vez ingressou no Seminário do Espírito Santo, em Viana do Castelo, o menino Manuel Agostinho Santos da Rocha.

Também seguiu para os Seminários Arquidiocesanos de Braga, a frequentar o 4.º ano, o jovem Seminarista Manuel Marcelino Correia da Silva Martins.

NOTA — Todo este noticiário, composto para o número anterior, não foi incluído por falta de espaço.

viços prestados. Se tivéssemos convidado um grupo de fora da terra, gastaríamos muito mais.

Desculpe o Grupo Coral a imprecisão cometida, e aceite os protestos muito sinceros da nossa admiração e agradecimento.

Eleições para as autarquias locais — Votar e saber votar

Realizando-se no próximo dia 12 de Dezembro as eleições para os órgãos das autarquias locais, pareceu conveniente à Assembleia chamar a atenção dos fiéis para o dever de participarem no acto eleitoral, mesmo vencendo o natural cansaço de sucessivas eleições ou até o sentimento de frustração porventura resultante de nem sempre de terem visto traduzidas em acções positivas e reais as esperanças depositadas nas eleições anteriores. Em regime democrático, abster-se de votar significa sempre, no fundo, uma grave atitude de recusa em assumir as responsabilidades próprias, deixando apenas a um certo número de cidadãos o papel, que a todos pertence, de definir os rumos da vida nacional. No caso das presentes eleições a gravidade de uma tal recusa deverá avaliar-se, simultaneamente, pela difícil situação actual do País, pela força e, ainda, pela importância dos órgãos do poder local, através dos quais as comunidades paroquiais e concelhias são chamadas a fazer ouvir a sua voz e a dar expressão aos seus direitos e agravos.

Mas, como é evidente, o dever de votar não obriga apenas à participação no acto eleitoral. Obriga também a que, previamente, os eleitores se informem com o maior cuidado sobre os candidatos escolhendo os que se mostrem mais dignos de confiança, quer pela sua competência e rectidão moral, quer pela sua capacidade de servir o bem-comum. Por outro lado, devem também os eleitores informar-se sobre o condicionamento legal da própria votação, de tal forma que o voto depositado nas urnas não corra o risco de vir a ser julgado em branco ou ferido de nulidade, e, com esclarecida noção de corresponsabilidade cívica, devem outrossim estar prontos a colaborar nas operações eleitorais, se para tanto forem solicitados.

Em especial quanto aos fiéis, os Bispos recordam, de novo, que «são diversas as opções partidárias por que podem legitimamente decidir-se». Todavia, como se compreende, não lhes é lícito «dar o voto a partidos que, pelos seus princípios ideológicos, pelos objectivos e processos que preconizam, ou pela realização histórica para que tendem, se lhes afigurem incompatíveis com a opção cristã do homem e da sua vida em sociedade».

Transcrição do último Comunicado do Episcopado Português

PARA PENSAR...

— «Não há caso nenhum de «Socialismo em liberdade». Onde se manteve a liberdade, não houve o socialismo; onde se implantou o socialismo, acabou a liberdade» — Bispo do Porto.

Planeamento Familiar

O planeamento da natalidade é hoje invocado, cada vez mais, como um direito. Na sociedade portuguesa, esse direito encontra-se consignado na Lei Fundamental e o seu exercício tem sido promovido por campanhas oficiais e garantido pela instituição de uma rede de consultas de planeamento familiar que, através dos centros de saúde e dispensários, atingirá em breve todo o País.

A importância da transmissão da vida humana e os sérios problemas morais que ela pode levantar ao casal, fizeram sentir à Assembleia a urgência de nova tomada de posição sobre o assunto. Na verdade, é sabido que, nos programas em curso com vista ao planeamento familiar, nem sempre se tem verificado o respeito por alguns valores que se deveriam ter como invioláveis. Casos existem, devidamente referenciados, em que a pessoa humana foi mesmo defraudada e manipulada, num completo desprezo pela sua dignidade.

Deste modo, não podem os Bispos silenciar a sua preocupação nem deixar de reafirmar a doutrina inequívoca e constantemente ensinada pela Igreja neste domínio. Com base nela, desejam sublinhar alguns pontos de especial relevância:

1.º — Para que o planeamento da família possa ser exercido com inteira responsabilidade no contexto do amor conjugal, a informação a fornecer ao casal (e não apenas à mulher, como é frequente) deverá respeitar clara e absolutamente, não apenas a verdade, como também a liberdade e integridade da pessoa humana. É condenável, por isso, toda a informação deturpada, incompleta ou tendenciosa, que esconda as graves consequências morais e físicas dos métodos artificiais de regulação da natalidade, assim como qualquer tipo e coacção psicológica exercida sobre a mulher, no sentido de a levar a adoptar este ou aquele meio contraceptivo. Na realidade, a experiência tem demonstrado, de maneira insofismável, que a regulação da natalidade que não respeite estruturalmente a dignidade humana, acaba por redundar na perda total do respeito pela vida.

2.º — Os cristãos devem orientar-se pela doutrina que ainda recentemente, na Carta Pastoral «Família e Natalidade», de Fevereiro de 1975, lhes foi recordada por esta Assembleia (n.º 12 a 22). A viabilidade e eficácia dos novos meios naturais de regulação da natalidade não podem ser hoje postas em dúvida por quem imparcialmente aborde estes problemas. Os Bispos convidam, assim, os casais, os educadores e os sacerdotes a que procurem adquirir um conhecimento exacto desses meios, inclusivamente junto dos grupos de Acção Familiar que, entre nós, actuam no âmbito da Igreja.

3.º — Além disso, os católicos profissionais da saúde, destacados em consultas de planeamento familiar ou em serviços permanentes ou congéneres, devem manter-se permanentemente escla-